

CAMINHOS MARAJOARAS: O RIO ENQUANTO PAISAGEM, POÉTICA E POTÊNCIA ARTÍSTICA

Roseany Karimme Silva Fonseca
CAPES/UFPA

Resumo

Este artigo é resultante dos estudos da disciplina Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário na Atualidade de Cultura-Mundo, do Programa de Pós-Graduação em Artes - PPGARTES/UFPA e objetiva traçar um paralelo entre três eixos de referências para os rios marajoaras, sendo estes: a paisagem, a poética e a potência. Através da descrição e do reconhecimento dos rios nos referidos eixos, propõe-se o encontro destes afluentes com o meu percurso enquanto artista-pesquisadora de Artes neste lócus, definindo-o como espaço de identificações e criação artística.

Palavras-chave:

Marajó; Rio; Paisagem; Poética; Criação Artística.

INTRODUÇÃO

Existem muitas especificidades da região Amazônica que podem ser consideradas para a construção da cultura que identifica este local. Nesta região, cercada de ilhas e rios, há uma particularidade de climas, costumes e atividades. A bacia hidrográfica é uma idiosincrasia da região. Os rios, enquanto componentes de uma geografia comum no contexto amazônico, compõem-se como canais de passagem e equivalem às ruas dos centros urbanos; configuram-se como as vias de acesso do viajante com outras localidades, às quais muitas vezes possuem somente acesso fluvial. Moreira (1989) considera que “em nenhuma outra região o rio assume tanta importância fisiográfica e humana como na Amazônia, onde tudo parece viver e definir-se em função das águas: a terra, o homem, a história” (p.63). De acordo com Oliveira (2006), a Amazônia é um lugar que pulsa modos de vida distintos do padrão caracterizado em outras regiões do Brasil.

Como um emblema amazônico, o rio tece não somente a geografia, como também o imaginário

Abstract

This article is a result from studies of discipline Amazon Culture: A Poetics of the Imaginary in Current World-Culture, from Program of Post-Graduation in Arts - PPGARTES / UFPA and aims to draw a parallel between three axes of references for the Marajoara rivers, being these: the landscape, the poetics and the power. Through the description and recognition of the rivers in these axes, it is proposed the meeting of these tributaries with my path as an artist-researcher of Arts in this locus, defining it as a space of identification and artistic creation.

Keywords:

Marajó; River; Landscape; Poetic; Artistic Creation.

da região, dividindo-a em outras sub-regiões, com características bem definidas. Neste trabalho, será destacada dentro da Amazônia a região marajoara. Com suas características, o arquipélago marajoara destaca-se pelas vias fluviais, sua população e a forte relação de seus indivíduos com a paisagem que os cerca. Trindade Jr. (2005) caracteriza o reconhecimento das cidades localizadas nestes espaços:

faz-se necessário, assim, reconhecer a produção do espaço beira-rio, sua história, suas vivências, suas identidades, responsáveis por reforçar uma especificidade da cidade na Amazônia, a cidade ribeirinha - forma e conteúdo -, diferente da cidade beira-rio, demarcada pela simples localização às margens fluviais e pela presença do rio como adereço da paisagem. (TRINDADE JR., 2005, p.11).

É importante reconhecer a própria existência enquanto indivíduo nestes lugares. Bachelard (1989) afirma que “se quero estudar a vida das imagens da água, preciso, portanto, devolver ao rio e às fontes de minha terra seu papel principal” (p.8). E por qual (ou quais) circunstâncias falar

especificamente sobre os rios marajoaras? A ilha do Marajó¹ é um cenário de vivências, memórias pessoais e viagens, que me permitiram absorver muitas experiências enquanto pessoa e atualmente, como artista-pesquisadora. Por sobre estes rios tracei observações e palavras através de várias viagens, construindo um diário de bordo, indutor da minha pesquisa de mestrado em andamento. Em sua dissertação, Keyla Sobral² cita e caracteriza os diários de bordo: “Os diários de bordo se originaram com a navegação marítima. Antigamente [...] os navios continham um diário de bordo: que permitia à tripulação registrar tudo que acontecesse ao longo de uma viagem” (SOBRAL, 2015, p.23). A autora também correlaciona a ideia de fluxo dos rios com os percursos alcançados na escrita. Segundo ela: “Ser envolvida pelo fluxo dos rios, mas também pelo fluxo das palavras, que me acompanhavam durante as viagens, durante todo o percurso é fundamental. Estar em trânsito, sempre de passagem, e, sempre ser surpreendida pela palavra” (Ibidem, p.26).

Outra justificativa para este trabalho é a minha inserção enquanto aluna na disciplina Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário na Atualidade de Cultura-Mundo, ministrada pelo professor João de Jesus Paes Loureiro³. Esta disciplina propõe apresentar reflexivamente a Cultura Amazônica por meio de sua mitologia, sua criação artística e seus processos criativos, percebendo esta cultura como fruto de uma região complexa e exemplo de diversidade diversa, que possui meandros de troca entre si e a chamada cultura-mundo. A referida disciplina me permitiu um aprofundamento em relação aos conceitos de paisagem, poética e imaginário, por onde se exerce a potência criadora, configurando desta forma os três eixos pelos quais pretendo descrever e localizar o rio neste trabalho, através das seguintes terminologias: *rio-paisagem*, *rio-poética* e *rio-potência*.

RIO-PAISAGEM

Para abordar o que seria a terminologia de *rio-paisagem* neste trabalho, faz-se necessário recorrer inicialmente a uma abordagem geográfica, a qual melhor explicita o conceito de paisagem⁴. De acordo com o caderno da região hidrográfica amazônica:

A Amazônia é conhecida por sua grande disponibilidade hídrica [...] entrecortando uma vasta região geográfica com rios, lagos e igarapés com grande variabilidade tanto na extensão, quanto na largura dos rios, bem como no volume de água por eles transportado (BRASIL, 2006, p. 24).

É importante destacar que a paisagem sempre esteve no limiar entre o caráter objetivo e subjetivo da observação; ou seja, é um conceito que dependendo do contexto, adquire interpretações mais simples ou complexas. Pensar a paisagem na geografia é diferente de pensar a paisagem na cultura, embora ambas se entrelacem. COLLOT (apud CABRAL, 2000) define três elementos fundamentais como constituintes do conceito de paisagem: o ponto de vista, a parte e a unidade. A paisagem é definida em função do ponto de vista de onde é observada: não como local autônomo, mas na relação constante entre sujeito/objeto. O segundo elemento define a paisagem como parte de um ambiente muito maior, esta parte apreendida pelo sujeito-observador que também é integrado ao espaço e por fim, a ideia de unidade: ainda que haja um recorte da paisagem, pelo ponto de observação, ela se constitui como um aspecto de totalidade. Assim, o rio-paisagem seria definido a partir do meu ponto de vista enquanto artista-pesquisadora, através da observação da paisagem marajoara; seria uma parte de tudo o que a região do arquipélago do Marajó representa, a partir de características tão definidas quanto distintas entre si e constituiria a unidade, representada neste trabalho pela figura dos rios.

É preciso navegar meses inteiros nessa bacia gigantesca para compreender até que ponto é extraordinário aí o domínio da água sobre a terra. Esse labirinto líquido é bem mais um oceano de água doce, cortado e dividido pela terra, do que uma rede fluvial (MOREIRA, 1989, P.64).

Embora a paisagem seja um conceito de maior recorrência nos estudos geográficos, este termo tem se desdobrado em diversas abordagens, permitindo amplas e diversas interpretações. Concebida como “uma parte da natureza reportada pelo olhar visível”⁵, a paisagem se divide em histórica, poética, psicológica, filosófica, entre outras áreas dentro de sua abrangência.

Paisagem é uma fonte incessante de significação e uma vez acessível ao olhar e à mente, torna-se guia para as ações e condutas humanas; não se trata de um horizonte fixo e estático, mas construído de movimento, valores e sentimentos. Ao incluir

aquilo que tem significância para os diferentes sujeitos, a paisagem deixa de ser o pano de fundo das atividades e acontecimentos e integra-se à existência humana (CABRAL, 2000, p. 41 e 42).

De acordo com Coelho (2009): “a paisagem enquanto representação resulta da apreensão do olhar, é um enquadramento, uma seleção que existe a partir do indivíduo que organiza, combina e promove arranjos de conteúdo e forma” (p.4).

Se a paisagem é compreendida enquanto fenômeno, ou seja, um conjunto dinâmico, no qual o ser humano vive, desloca-se e busca por significados, ela não pode ser considerada isoladamente e nem ser dissociada de quem a vivencia. Deste modo, pode-se pensar o rio-paisagem não unicamente enquanto componente geográfico, mas de acordo com Cabral (2000), “um conceito abrangente e impreciso [...] pois desse modo incita-nos a olhar para outros horizontes disciplinares a fim de ampliarmos e aprofundarmos a compreensão de sua natureza e significado” (p.35). A paisagem enquanto signo possui a função de produzir significados e em uma concepção humanista, o conceito prioriza as relações que os sujeitos possuem com seus entornos. A partir desta perspectiva, pode-se então desdobrar o próximo eixo de trabalho desta pesquisa, o rio-poética.

RIO-POÉTICA

Cântico V

Rio
de muitos nomes,
Ser
de muitas
de muitas formas e fomes.

Espelho contra espelho
rio só linguagem
rio sim sêmen de Deus.
Amazonas
água e lama
vogais e consoantes.
Que outro nome corre no teu leito,
se outro rio corre no teu nome?
Rio, superfície de si mesmo
e Mar além de si.
Água antes de si
(Inexistência)

(LOUREIRO, 2000, p.37).

No poema acima, o rio apresenta-se dotado de sentidos e metáforas, sendo caracterizado por uma observação de caráter poético. Esta

representação da ideia de rio torna-o um lugar rico em signos interpretáveis de diversos outros modos. Loureiro (2008) define que a dimensão poética é capaz de tornar-se a função dominante em um texto escrito, quando este sai de seu sentido comum e passa a possuir um uso artístico, no qual a linguagem se desdobra, emergindo em poesia. No momento em que a paisagem sai de sua forma estética e abrange uma forma poética, há o que este autor chama de *conversão semiótica*, conceito criado e definido por ele como: o processo de mudança de função ou de significação dos fatos da cultura, quando se dá uma mudança de dominante, re-hierarquizando dialeticamente as outras funções. Na medida em que o rio deixa de ser unicamente visto como via de acesso entre a capital Belém e as localidades marajoaras e passa a ser matéria-prima de poemas, canções, entre outras formas artísticas, há uma variação de dominância: de paisagem à poética. Deste modo, atribui-se um caráter subjetivo e metafórico ao que antes era um conceito geográfico e estético. Conferem-se outros conteúdos às formas já existentes.

Desse modo, a água nos aparecerá como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética completa. Uma poética da água, apesar da variedade de seus espetáculos, tem a garantia de uma unidade. A água deve sugerir ao poeta uma obrigação nova: a unidade de elemento (BACHELARD, 1989. p. 17).

Para definir a nomenclatura *rio-poética*, é importante verificar não somente o conceito de poética, mas a forma como este conceito se constitui na paisagem ribeirinha. É conhecida a ideia das águas como indutoras de poemas, textos, canções e outras formas de criação artística. Na obra *A Água e os Sonhos* (1989)⁶, o autor Gaston Bachelard define a cultura amazônica como uma região mítica e folclórica, atribuindo também tais questões ao ser que observa as paisagens líquidas, “que vê passar a água” e “evoca a origem legendária do rio, sua fonte longínqua” (BACHELARD, 1989, p.158). Este autor destaca a contemplação da paisagem como forma de alcançar uma criação poética: “não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo [...] Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água anônima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes” (Ibid, p.9). Desta forma, o rio torna-se um ambiente de devaneios por sua força

e onipresença na paisagem amazônica - e mais especificamente, no arquipélago marajoara. Em “Meditação Devaneante entre o Rio e a Floresta”⁷, Loureiro (2016) tece uma observação poética dos rios amazônicos, não somente da paisagem em si, mas dos olhos de um observador, ou seja, de uma percepção que comporta múltiplas possibilidades.

Na linha da ribanceira, entre o rio e a floresta, estão os arquivos da vida amazônica. É uma verdadeira escola do olhar. Uma pedagogia da contemplação. Um aprender a aprender olhar. O olhar que experimenta a vertigem de uma alma errante. Na margem do rio e da floresta irrompe a vida, em duplo. É o reino das ambiguidades e da semovência de contornos (LOUREIRO, 2016, p. 127).

De acordo com Lynch (2011): “nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação com seus arredores e com as sequências de elementos que a ele conduzem, bem como às lembranças de experiências passadas” (p.1). Portanto, a percepção mostra-se fundamental para que a paisagem se desenvolva através de um olhar poético. Pensando por esta perspectiva, pode-se inferir que não há nada na paisagem que não permita um olhar mais atento para uma criação poético-artística.

Revelando uma afetividade cósmica, o homem promove a conversão estetizante da realidade em signos, por meio dos labores do dia-a-dia, do diálogo com as marés, do companheirismo com as estrelas, da solidariedade dos ventos que impulsionam as velas, da paciente amizade dos rios (LOUREIRO, 2016, p. 73).

Atribuir poética ao rio seria atribuir-lhe uma gama de significados, interpretações e sentidos, os quais não seriam possíveis somente com a observação da forma, mas com uma atenção especial ao seu conteúdo e também, ao trajeto antropológico⁸ de seu observador. Segundo Cabral (2000):

tomar a paisagem como campo de significação é concebê-la como encontro de lógicas provenientes de diferentes escalas (indivíduo-grupo-sociedade). Lógicas essas, determinantes e determinadas pelos diferentes atores sociais que interagem e se apropriam diferentemente da paisagem. (CABRAL, 2000, p. 42)

Para o artista-criador - seja através de palavras, imagens, traços ou outras formas de arte - a paisagem deixa de existir unicamente em sua forma (sua função estética) e passa a exprimir um conteúdo (sua função poética). Escrever o diário de bordo me permitiu transformar o rio-paisagem em rio-poética. Mas nenhuma destas

terminologias existiria se não houvesse a *potência criadora*, ou seja, a motivação. “Ao incluir aquilo que tem significância para os diferentes sujeitos, a paisagem deixa de ser o pano de fundo das atividades e acontecimentos e integra-se à existência humana” (Ibidem, p.42). Pela minha vivência e história com a região marajoara, fui instigada a *buscar potência para a paisagem, através de uma poética*.

Perceber o caráter quase sempre feminino atribuído à água pela imaginação ingênua e pela imaginação poética [...] a água faz incharem os vermes e jorrarem as fontes. A água é uma matéria que vemos nascer e crescer em toda parte. A fonte é um nascimento irresistível, um nascimento contínuo. Imagens tão grandiosas marcam para sempre o inconsciente que as ama. Suscitam devaneios sem fim (BACHELARD, 1989, p.15).

RIO-POTÊNCIA

A terminologia *rio-potência* apresenta-se de forma didática neste trabalho, sendo considerada uma forma de aproximar os dois conceitos anteriores - rio-paisagem e rio-poética - através de uma intersecção de ideias, haja vista que nenhum dos dois conceitos pode ser desconsiderado ao tratar da ideia dos rios enquanto potência e indução para a criação artística.

Sob o olhar do natural, a região se torna um espaço conceptual único, vago, mítico, irrepetível (posto que cada parte desse espaço não é igual a outro), próximo, e ao mesmo tempo, distante. Seja para os que habitam as margens desses rios, que parecem demarcar a mata e o sonho, seja para os que habitam a floresta (LOUREIRO, 2016, p.128 e 129)

É importante destacar que o processo de criação artística ocorre quando há a transformação de um conteúdo que aparentemente não é artístico em algo artístico, ou seja, quando já existe a forma e ela impregna-se de conteúdo. Salles (2006), define este processo de criação como um registro dinâmico:

Devemos pensar, portanto, a obra em criação como um sistema aberto que troca informações com seu meio ambiente. Nesse sentido, as interações envolvem também as relações entre espaço e tempo social e individual [...] envolvem as relações do artista com a cultura, na qual está inserido e com aquelas em que ele sai em busca. A criação alimenta-se e troca informações com seu entorno em sentido bastante amplo. (SALLES, 2006, p. 32)

Aí reside um caráter potente no objeto ou na paisagem, exemplificada aqui pelos rios marajoaras. Quando eu, enquanto observadora, crio um diário de bordo em meio às viagens nestes rios, extraio todo

um significado/conteúdo para a forma escrita que já existe e o rio-paisagem torna-se rio-poética através de sua própria potência indutora. É importante que o artista, por questões criativas, alcance a sociedade e estenda-se para fora dela, levando, pela produção poética, a sua alma visível ao convívio universal. Ao conferir potência a uma paisagem, compõem-se uma série de significantes/significados, os quais podem ser explicitados através da obra artística. No poema "Fragmento"⁹, é evidente a presença e potência do lugar na construção artística, não somente por seu espaço concreto, mas pelas percepções e interpretações de seu observador:

Nós somos o caminho que escolhemos.
O caminho por onde passo
guarda-me
e eu sou o caminho por onde passo.
E embora passe
eu fico no caminho por onde passo.
E vai o caminho comigo
caminho que fica
por onde passo.
E passa.
E passo.
Ficamos.

(LOUREIRO, 2017, p. 54 e 55)

ENCONTRO DE AFLUENTES

Tomo a liberdade de inserir a terminologia de "encontro de afluentes" ao invés de "considerações finais" na parte conclusiva deste trabalho. Os três eixos definidos aqui se complementam em minha observação enquanto artista, pesquisadora, viajante e na feitura do diário de bordo como indução para as paisagens dos rios marajoaras. Eles vem se desenhando como caminhos possíveis de experimentação poético-cênica. A disciplina Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário na Atualidade de Cultura-Mundo me permitiu um aprofundamento - literal e figurado - em meu processo de pesquisa, além de pensar a cultura local como um lócus tão importante e potente quanto a chamada cultura-mundo. Parafraseando o professor e autor Paes Loureiro: não há nada insignificante que não possa ser significado. Concluo este percurso com um poema de Augustin Berque (1998), que compreendo ser uma síntese de tudo o que vem sendo abordado neste trabalho, sobre paisagem:

Paisagem /paisagens:
Sentido dos sentidos,
paisagens surgem de uma unica paisagem.
Sonhos ecoam num só espaço

Acordam realidades: complexas, ambivalentes,
ambíguas.
Realidades que desvelam não só as inúmeras faces
da paisagem,
mas a busca do "olho" por um significado, por uma
leitura,
por um lugar onde a atenção despendida traduza
ordem, sentido, valor, identidade.
Paisagens são perspectivas!
São espelhos que refletem nossos sentimentos e
pensamentos,
anseios e medos.
Nossa individualidade na individualidade do entorno.
Armazenadas na memória e na alma...
antes de serem efêmeras, paisagens são
duradouras...
antes de comporem apenas quadros e cartões
postais,
são "substâncias" que integram e animam
nossas vidas.

NOTAS

1. A ilha do Marajó integra o maior arquipélago fluvio-marinho do mundo e se localiza na foz do Rio Amazonas. A ilha é composta por 12 municípios - Cachoeira do Arari, Chaves, Muaná, Ponta de Pedras, Santa Cruz do Arari, Salvaterra e Soure (sendo que estes municípios compõem a chamada microrregião dos campos), além de Afuá, Anajás, Breves, Currálinho e São Sebastião da Boa Vista (os quais compõem a microrregião dos furos). Na minha pesquisa, foi considerada a paisagem dos rios que banham as cidades de Salvaterra e Soure, lugares nos quais foi confeccionado o diário de bordo enquanto modo de observação da paisagem.
2. Keyla Sobral utilizou seus diários de bordo como indutores de sua pesquisa na dissertação de mestrado intitulada "Fluxo Norte: sobre diários de bordo e cartografia poética de determinada produção de artes visuais na Amazônia.", apresentada e defendida no PPGARTES/UFPA, no ano de 2015.
3. João de Jesus Paes Loureiro é poeta, doutor em Sociologia da Cultura, ensaísta, teatrólogo e professor da Universidade Federal do Pará. No programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES/UFPA), ministra atualmente a disciplina Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário na Atualidade de Cultura-Mundo, nos cursos de Mestrado e Doutorado.
4. Etimologicamente, o vocábulo em português provém do francês *paysage* e apresenta na definição do lexicógrafo FERREIRA (1989, p. 1018), conotações vinculadas à percepção espacial e à arte: "1. Espaço de terreno que se abrange num

lance de vista. 2. Pintura, gravura ou desenho que representa uma paisagem natural ou urbana.”

5. Conceito atribuído à Paisagem nos estudos da disciplina Cultura Amazônica.

6. BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos* - ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

7. Texto publicado na Revista Arteriais, em agosto de 2016.

8. *Trajeto antropológico* é um conceito definido por Gilbert Durand (1989) como “a incessante troca que existe no imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (p.29). Pode-se dizer que este trajeto representa a ligação entre o mundo externo e as questões internas de quem o observa, sua história de vida.

9. Poema de João de Jesus Paes Loureiro, publicado na obra “À Beira do Rio, À Beira do Mundo.” (2017).

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da VERI, 1998. p. 84-91.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Recursos Hídricos. **Caderno da Região Hidrográfica Amazônica** / Ministério do Meio Ambiente - Brasília: MMA, 2006.

CABRAL, Luís Otávio. A paisagem enquanto fenômeno vivido. IN: Geosul, Florianópolis, Vol. 15, nº 30, p 34-45, jul./dez, 2000.

COELHO, Letícia Castilhos. **A paisagem na fotografia, os rastros da memória nas imagens**. In: XIII ENANPUR – Encontro Nacional da Anpur, 2009, Florianópolis. XIII Encontro Nacional da ANPUR, 2009.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad: Hélder Godinho. Lisboa Editorial Presença, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **À Beira do Rio, à Beira do Mundo**. Belém: UFPA, 2017.

_____, João de Jesus Paes. Meditação devaneante entre o rio e a floresta. **Arteriais - Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes**, p. 120-132, out. 2016. ISSN 2446-5356. Disponível em <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/3924/3905>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

_____, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. São Paulo: Escrituras Editora, 2008.

_____, João de Jesus Paes. **Obras reunidas** (3.vol.). São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MOREIRA, Eidorfe. **Obras Reunidas** - volume 1. Belém: Editora Cejup, 1989.

OLIVEIRA, José Aldemir de. A cultura, as cidades e os rios na Amazônia. **Cienc. Cult.** [online]. 2006, vol.58, n.3, pp.27-29. ISSN 2317-6660.

SALLES, Cecilia Almeida. **Redes da Criação** - construção da obra de arte. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.

TRINDADE JR, Saint Clair. Grandes Projetos, Urbanização do Território e metropolização da Amazônia. In: **X Encontro de Geógrafos da América Latina**, São Paulo, 2005.

SOBRE A AUTORA

Roseany Karimme Silva Fonseca é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES/UFPA), na linha de Poéticas e Processos de Atuação em Artes. Bolsista CAPES. Pesquisadora associada à Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas / ABRACE. Possui experiência na área de Artes com ênfase em Teatro, Dramaturgia, Encenação e Processos de Criação; experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Escolar, Psicopedagogia e Desenvolvimento Humano.